



**UNIVERSIDADE FEDERAL
DE SANTA CATARINA**

UFSC NA MÍDIA - CLIPPING



Agcom
Agência de
Comunicação
da UFSC

14 e 15 de abril de 2018

Notícias do Dia Capa e Cidade "Conciliação busca fim da greve"

Conciliação busca fim da greve / Servidores municipais / Tribunal de Justiça de Santa Catarina / TJ-SC / Desembargador / Hélio do Valle Pereira / Sintrasm / Sindicato dos Trabalhadores do Serviço Público Municipal de Florianópolis / Prefeitura Municipal de Florianópolis / Organizações Sociais / Câmara de Vereadores / Farmácia Escola da UFSC

SERVIDORES MUNICIPAIS

Alternativa para encerrar a greve

PÁGINA 11

CONCILIAÇÃO BUSCA FIM DA GREVE

NOTÍCIAS DO DIA **Cidade.11** ■
FLORIANÓPOLIS, SÁBADO E DOMINGO, 14 E 15 DE ABRIL DE 2018

Conciliação busca fim da greve

Justiça fará mediação entre Prefeitura de Florianópolis e sindicato; população sente reflexos

FELIPE ALVES
felipe.alves@noticiasodia.com.br

Uma tentativa de encerrar a greve dos servidores públicos de Florianópolis será discutida entre a Prefeitura da Capital e o Sintrasm (Sindicato dos Trabalhadores do Serviço Público Municipal) durante uma audiência de conciliação. O encontro será mediado pelo desembargador do TJ-SC (Tribunal de Justiça de Santa Catarina), Hélio do Valle Pereira, segunda-feira, às 14h. Na sexta-feira, os cidadãos foram impactados pela paralisação em creches, escolas, postos de saúde e UPAs (Unidade de Pronto Atendimento).

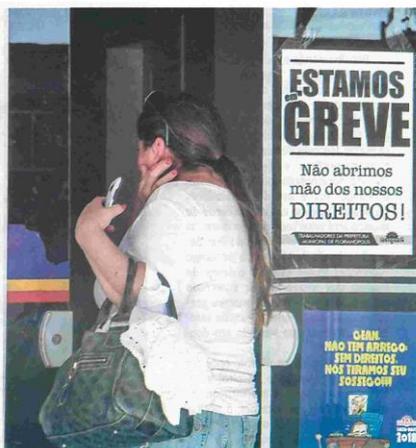
O desembargador permitiu apenas a presença dos advogados e diretores do sindicato e dos procuradores do município. Na quinta-feira, Pereira determinou "a continuidade dos serviços públicos essenciais de Saúde [pele menos a metade] e Educação [total], mediante a elabo-

ção, pelos servidores públicos municipais, de escola de trabalho".

Porém, em afronta à decisão, os servidores decidiram pela continuidade da greve. Para o Sintrasm "a liminar não impede a organização dos trabalhadores, nem determina o retorno imediato ao trabalho". O sindicato afirma que há um conluio "que pretende criminalizar a luta dos trabalhadores". Com carro de som, faixas e gritos de ordem, protestaram pelas ruas do centro da cidade.

Além do projeto de lei, o Sintrasm busca discutir com a prefeitura as reivindicações para a data-base de 2018. Entre as 38 cláusulas do documento, eles pedem a reposição salarial de 257,76% referentes à perda salarial entre 1988 a 1996, 30 vales-alimentação por mês – independentemente do número de dias trabalhados – e o restabelecimento de direitos retirados dentro do pacote de leis aprovado no início de 2017. ■

UPAs atendiam só emergências na sexta-feira, postos de saúde reduziram os serviços básicos



Projeto deve passar por cinco comissões na Câmara de Vereadores

■ O projeto de lei 17484/2018, que trata das Organizações Sociais, foi protocolado na Câmara de Vereadores no dia 6 de abril, em regime de urgência, com prazo de 45 dias para apreciação. Após ser lido em plenário e passar por departamentos de Consulta Técnica e Legislativo, a matéria chegou à Comissão de Constituição e Justiça na quinta-feira e foi encaminhada à Procuradoria. Provavelmente na segunda-feira, o PL volta para a CCJ e deve passar ainda por mais quatro comissões antes de ir a plenário: Trabalho, Educação, Saúde e Orçamento.

Para o vereador Roberto Katumi (PSD), líder do governo na Câmara, as Organizações Sociais são a única saída para a atual situação. "Sendo

bem fiscalizadas darão resultado. É a única saída para que a gente possa ver creches e UPAs que já estão prontas sendo utilizadas", afirmou. O vereador Tiago Silva (PMDB) também é a favor. "A prefeitura já ultrapassou o limite da Lei de Responsabilidade Fiscal, então ou aprova o projeto e garante UPA e creches abertas, ou a população vai ser prejudicada", assegurou. O vereador Afrânio Boppé (PSOL) disse que ser contra o projeto não é ser contra a abertura de creches e a UPA. "O projeto é ruim, cheio de inconsistências e, na prática, quer privatizar vários setores da prefeitura, dando margem para retroagir em atividades e estruturas já existentes. O projeto não apresenta o impacto financeiro. É um cheque em branco", afirmou.

Seis perguntas sobre a paralisação

Entenda os dois lados e os impactos sociais

- 1 QUAL É O MOTIVO DA GREVE?**
■ O projeto de lei de autoria da prefeitura e que está agora na Câmara e institui o programa "Creche e Saúde Já". A proposta permite Organizações Sociais contratarem funcionários para cuidar dos serviços de creches e UPAs. O projeto foi protocolado na última sexta-feira. Com a aprovação da greve, o Sintrasm incluiu na pauta do movimento questões da data-base dos servidores.
- 2 O QUE DIZ A PREFEITURA?**
■ A prefeitura gasta 51,7% da receita líquida com folha de pagamento. Pela Lei de Responsabilidade Fiscal, 51,3% é o máximo que o município pode atingir, não sendo possível contratar novos servidores. Com as Organizações Sociais, a prefeitura diz que conseguiria abrir a UPA do Continente, além de algumas creches que estão em construção.
- 3 O QUE DIZ O SINDICATO?**
■ A contratação de Organizações Sociais pode afetar a qualidade do serviço e abre brechas para desvios do dinheiro público. O sindicato defende que a prefeitura faça cortes em cargos comissionados e cobre devedores do município como forma de ter mais receita na caixa municipal.
- 4 QUAL É O IMPACTO NA SAÚDE?**
■ Nessa sexta-feira, as UPAs Norte e Sul atendiam apenas casos de urgência e emergência. Nos 49 postos de saúde, 22 não realizaram atendimento médico, 14 não disponibilizaram serviço de farmácia e 33 não disponibilizaram vacinas. A farmácia da UFSC também não atendeu.
- 5 QUAL É O IMPACTO NA EDUCAÇÃO?**
■ Das escolas, 25 escolas paralisaram as atividades, oito funcionaram parcialmente e três atenderam normalmente. Das creches, 70 paralisaram e oito funcionaram.
- 6 O QUE FAZER?**
■ A orientação da prefeitura é que o cidadão telefone antes de se deslocar até uma unidade de Saúde ou Educação para saber se há atendimento.

Notícias do Dia Capa e Memória "Nos tempos da manivela"

Nos tempos da manivela / Cinema mudo / Cinema sonoro / Livro / Cinemas (de rua) de Floripa / Átila Alcides Ramos / Lançamento / Hall da reitoria / UFSC / Universidade Federal de Santa Catarina / Exposição / Pinturas



14/15.Memória NOTÍCIAS DO DIA
FLORIANÓPOLIS, SÁBADO E DOMINGO, 14 E 15 DE ABRIL DE 2018

Nos tempos da manivela

Livro e exposição falam do cinema mudo e da transição para os filmes falados nas salas da Capital

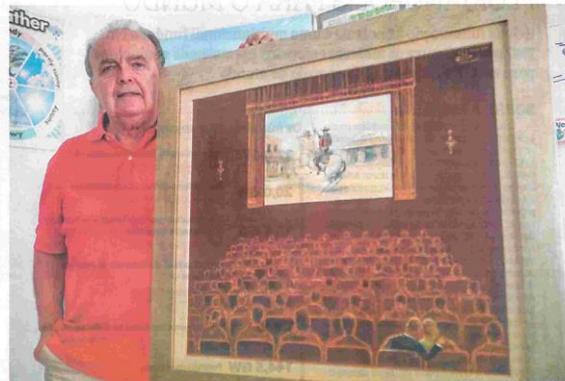
PAULO CLÓVIS SCHMITZ
ps@noticiasodia.com.br

Há pouco mais de um século, Florianópolis era uma cidade sem luz elétrica, água encanada, saneamento, carros – e cinemas. As artimanhas animadas que nasceram na França com os irmãos Louis e Auguste Lumière haviam dado o ar da graça na ilha em 21 de julho de 1900, por meio do cinematógrafo, mas as sessões eram domésticas, ou em reuniões de amigos, onde até então predominavam os saraus e apresentações dramáticas de grupos amadores locais. Em 1908, o Teatro Álvaro de Carvalho sediou a exibição de fitas baseadas, na maioria, em óperas de sucesso na Europa, já com som garantido pelo uso do gramofone. E a primeira sala de projeção da Capital foi o cinema Cassino, localizado na praça 15 de Novembro, que teve a sessão inaugural no dia 9 de julho de 1909.

É nesse momento, e nos episódios que o precederam, que se situa a abertura do livro "Cinemas (de rua) de Floripa", que o engenheiro médico, professor e artista plástico Átila Alcides Ramos, 74 anos, lança da ilha de terça-feira (17) no hall da reitoria da UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina). Paralelamente, ele apresenta uma exposição de 21 pinturas em acrílico sobre tela que reproduzem as fachadas dos primeiros cinemas, o interior de salas de projeção e cartazes de filmes mudos e sonoros que fizeram a alegria das platéias nos anos em que esta era a principal diversão dos moradores da cidade.

Para chegar ao livro e à mostra, Átila Ramos escarafunhou todos os jornais do século 20 no acervo da Biblioteca Pública do Estado. Foram quatro anos folheando periódicos que se desmanchavam nas mãos e os exemplares já digitalizados que fazem parte da Hemeroteca Catarinense, em fase de implantação. "Viajei muito", resume, falando das sensações que teve ao descobrir coisas que nunca foram contadas em livro e que estavam ali, registrados em páginas amareladas pelo tempo. "Fiquei impressionado com o número de casas de projeção na época do cinema mudo", conta. "Foi uma alegria ler sobre a inauguração de novas salas, o fechamento de outras, cinemas que migraram para os filmes sonoros e outros que voltaram ao mudo ou que projetavam nos dois formatos".

Átila Ramos diz que "Cinemas (de rua) de Floripa" são dois livros num só, porque ele dividiu o volume em partes – a primeira metade para o cinema mudo, que vai até 1931, e a segunda para o falado, que vem até os dias de hoje. Por isso, o leitor vai encontrar referências a fitas cuja importância era momentânea e se perdeu nos anéis do tempo, e outras – como faroestes icônicos, os filmes mudos de Charles Chaplin, o clássico "Metrópolis" de Fritz Lang, e os primeiros versões de "Scarface" e "Titanic" – que, na peneira implacável dos anos, ganharam a condição de cult. Gary Cooper e Humphrey Bogart estão entre os astros que, na transição para o cinema sonoro, fizeram carreira de sucesso em Hollywood.



Átila Ramos pintou uma tela com a plateia assistindo a um faroeste num dos velhos cinemas da Ilha

As salas de exibição dos tempos áureos

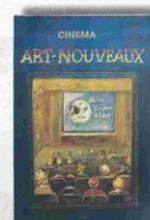
CINEMA MUDO

NOME	DATA	LOCALIZAÇÃO
Cassino	09/07/1909	Praça 15 de Novembro, 27
Art-Nouveaux	27/08/1910	Teatro Álvaro de Carvalho
Círculo	09/05/1912	Praça 15 de Novembro, 1
Ideal	12/03/1913	(1)
Variedades	1916 (2)	Teatro Álvaro de Carvalho
Ponto-Chê	20/12/1919	Esquina das ruas Felipe Schmitt e Trajano
Internacional	18/06/1924	Rua João Pinto, 18
Ideal	10/07/1930	Rua Conselheiro Mafra
Cine Theatro Centro Popular	1930 (5)	Rua Padre Miguelinho

CINEMA SONORO

NOME	DATA	LOCALIZAÇÃO
Palace	09/05/1931	Esquina das ruas Arcipreste Paiva e Tenente Silveira
Gloria	17/04/1932	Rua João Pinto, 156
Imperial	04/09/1932	Rua João Pinto, 156 (4)
Odeon	11/10/1933	Rua Padre Miguelinho
Royal	20/01/1934	Teatro Álvaro de Carvalho
Central	02/10/1934	Esquina das ruas Arcipreste Paiva e Tenente Silveira
Rex	18/08/1935	Rua Arcipreste Paiva
Rita	18/04/1943	Rua Arcipreste Paiva
Roy	06/05/1944	Rua Padre Miguelinho
São José	1954 (5)	Rua Padre Miguelinho
Concomur	1975 (5)	Rua Arcipreste Paiva
Art 7	1986	Rua Almirante Alvim

- (1) O livro não cita o endereço da sala
- (2) O livro não cita o dia exato da inauguração
- (3) O livro não cita o dia da inauguração
- (4) Fechado em 1970, foi reaberto depois como cine Coral, depois Cariftos
- (5) O livro não cita a data precisa da inauguração



O Ritz foi um dos últimos a fechar; o Art-Nouveaux funcionou no TAC

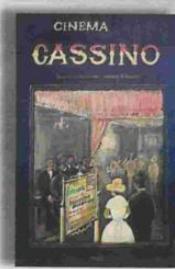
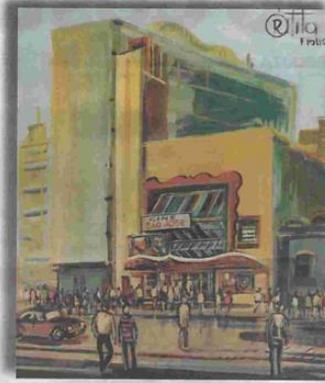
TAC foi sede de quatro cinemas

■ A descoberta quase aleatória de um cinema chamado Cassino, inaugurado em 1909, durante pesquisas que fazia na Biblioteca Pública, levou Átila Ramos a dar forma ao projeto do livro, já que até então utilizava as imagens dos jornais – cartazes e algumas fotos – como mote para suas pinturas e aquarelas. Suas telas se esmeram em retratar o vestuário dos frequentadores, o design das salas de projeção, detalhes arquitetônicos dos prédios e cartazes de fitas que estavam entrando em exibição. Uma curiosidade é que o Teatro Álvaro de Carvalho, inaugurado em 1875, sediou quatro cinemas de 1910 a 1954: Art-Nouveau, Variedades, Royal e Odeon. Houve cinemas que fecharam e foram reabertos com outro nome, e aqueles que mudaram de endereço, mantendo a denominação original.

Aposentado como engenheiro da Casan, Átila tem três livros publicados sobre a história do saneamento no Ilha e também obras sobre o Carnaval. Isso o levou a estabelecer paralelos entre três áreas sem ligação aparente entre si. Assim, ele percebeu que

o ano de 1909 marcou a abertura do cinema pioneiro (Cassino) e o início das obras da rede de água da cidade. A implantação do primeiro sistema de esgoto, em 1916, coincidiu com o surgimento do cine Variedades, no TAC. A segunda década do século 20, aliás, foi de muitas transformações em Florianópolis, com a urbanização de vias (como a que depois seria batizada de Hercílio Luz), a instalação de tubulações de água e a chegada da energia elétrica. Foi por causa da luz que a projeção a manivela deu lugar a equipamentos mais modernos.

Naquele período também se afirmavam os blocos carnavalescos e, mais tarde, as grandes sociedades, com seus carros ainda precários enfeitados e decorados. A folia dos ricos era nos clubes; a dos pobres, nas ruas, com o corso e o entrudo. No livro, Átila também faz referências ao cine Art 7, de Darci Costa, e ao clube de cinema Nossa Senhora do Deserto, de Gilberto Gerlach, além do cine São José, onde só se entrava de paletó, e do Cecomtur, o último dos grandes cinemas de rua da cidade.



Telas mostram o São José, o pioneiro Cassino e o Imperial

Curiosidades

Da Vidal à Arcipreste Paiva

- A esquina das ruas Vidal Ramos com Esteves Júnior sediou, a partir de fevereiro de 1909, o Parque Catharinense, ponto de encontro que contava com um pequeno teatro e que passou a exhibir filmes até então projetados em paredes, ao ar livre.
- A igreja católica criou o cinema Círculo, em 1912, e a partir de 1930 o Centro Arquidiocesano Dom Joaquim implantou o Cine Theatro Centro Popular, no prédio onde mais tarde também funcionaram os cinemas Odeon e Roxy.
- Empresários como Júlio Moura, Paulo Schlemper e Paschoal Simone foram comerciantes que começaram a diversificar suas atividades investindo no ramo cinematográfico, em plena ascensão nas primeiras décadas do século passado.
- O cine Ritz, inaugurado em 1943 pela família Daux e localizado na rua Arcipreste Paiva, foi um dos mais importantes de Florianópolis, mas decaiu como as demais salas de rua e teve o edifício transferido para a iniciativa privada em 2015.

Notícias do Dia Capa e Especial

“Tremor de 3,6 graus em Florianópolis”

Tremor de 3,6 graus em Florianópolis / Terremoto / Maremoto / Escala Richter / Abalo sísmico / Placa Tectônica Sul-americana / RSBR / Rede Sismológica Brasileira / Geólogo / Chefe do Departamento de Geociência / UFSC / Universidade Federal de Santa Catarina / Norberto Olmiro Horn / Filho / Falhas geológicas / Ronaldo Parisenti / Engenheiro Civil / Juraci Carvalho / Sismólogo / Observatório Sismológico da Universidade de Brasília / UnB / Plataforma Continental



Terremotos e maremotos, como o registrado nesta sexta-feira, são mais comuns do que se imagina. Especialistas falam em mais de 20 mil por ano em todo o mundo. Na Capital e na região, o tremor de 3,6 graus na escala Richter assustou a população. PÁGINAS 3 A 6

Tremor

de 3,6 graus em Florianópolis

Considerado leve, abalo sísmico foi registrado no mar, a 75 quilômetros da Ilha de Santa Catarina

FÁBIO BISPO
fabiobispo@noticiasdodia.com.br

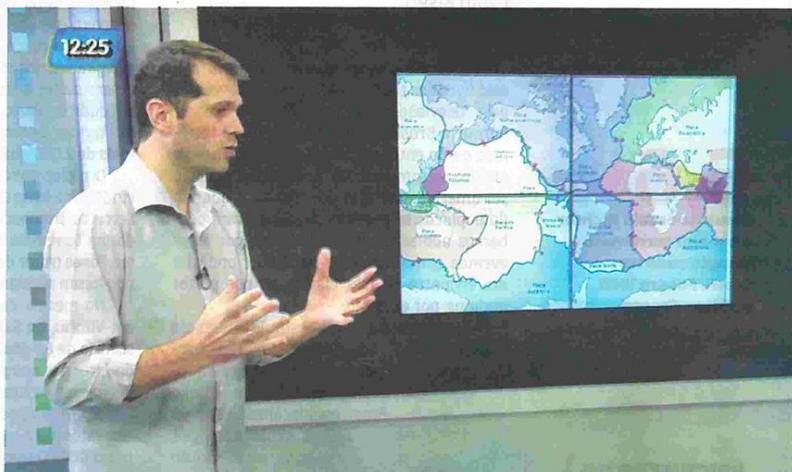
Florianópolis tremeu. E não foi por nenhuma final de campeonato ou qualquer tipo de intervenção divina ou algum acontecimento relacionado à sexta-feira 13. O relógio marcava 9h28min46s quando portas de armários se abriram e o tilintar nas cristaleiras quebrou a rotina da cidade. "Eu acabei de sentir minha casa toda tremer, achei que fosse um terremoto, mas isso não é possível, eu to ficando maluca, o que tá acontecendo? (Sic)" tuitou Isadora Sanchez, moradora de Florianópolis. Muitos moradores de assustaram. Imediatamente, o telefone da central do Corpo de Bombeiros tocou quase 40 vezes. Todos os chamados relataram um tremor de terra, a maioria no Norte da ilha.

O abalo sísmico com intensidade de 3,6 na escala Richter foi registrado pelo Centro de Sismologia da USP (Universidade de São Paulo). O epicentro do tremor estaria a cerca de 75 quilômetros do litoral de Florianópolis, no Oceano Atlântico.

O tremor foi sentido em pelo menos 13 regiões da Grande Florianópolis e até em Blumenau, a 140 quilômetros da Capital, onde pessoas relataram terem sentido a terra tremer. O abalo foi considerado leve para os padrões internacionais e comuns para o Brasil, que está no centro da placa tectônica sul-americana. Não foram registrados danos ou vítimas.

Apesar do susto, o ineditismo do episódio ficou mais por conta do que as pessoas sentiram do que apontam análises sismológicas. Segundo relatórios da RSBR (Rede Sismográfica Brasileira), desde 1989 pelo menos dez abalos sísmicos tiveram Santa Catarina como epicentro. Todos eles com intensidade entre 3 e 3,9 pontos na escala Richter. E o mais impressionante é que diversos desses tremores anteriores tiveram seus epicentros em terra firme, mas que por algum motivo não repercutiram como o desta sexta-feira.

Em novembro de 2012, os registros da RSBR mostram por exemplo um tremor de 3,7 graus em Sangão, no Sul do Estado. Em 1989, em Campo Belo do Sul, um tremor de 3,2 graus foi registrado na cidade da Serra catarinense. Este foi o registro mais ao continente em território catarinense. Já o maior abalo sísmico em Santa Catarina nos registros ocorreu em 24 de abril de 1992, a cerca de 300 quilômetros da costa. ●



Ronaldo Parisenti explicou ao vivo no Balanço Geral, da RICTV Record, o tremor sentido na Capital

“

O que aconteceu foi algo normal, que acontece bastante em todo o mundo, inclusive em Santa Catarina.”

Ronaldo Parisenti, engenheiro civil

Geólogo aponta maremoto

■ Segundo o geólogo e chefe do departamento de Geociência da UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina), Norberto Olmiro Horn Filho, os tremores sentidos em Florianópolis na manhã desta sexta-feira foram provocados por um maremoto, ou seja, tremor com origem no mar. "O fenômeno aconteceu na plataforma Florianópolis, que divide duas bacias: a de Santos, para o Norte, e Pelotas, da região Sul do país", explicou.

No dia 2 de abril deste ano, moradores catarinense já tinham sentido os efeitos de um terremoto de 6,8 graus que teve epicentro na Bolívia. Na ocasião, moradores de São José, Palhoça e Itajaí sentiram os reflexos do tremor.

Em dezembro do ano passado, um terremoto de 4,3 pontos foi registrado na fronteira entre Peru e Brasil. Todo ano, são registrados no mundo 49 mil abalos sísmicos semelhantes ao que ocorreu em Florianópolis.

Para engenheiro, não há motivo para preocupações

■ O engenheiro civil Ronaldo Parisenti, especialista em cálculo estrutural, diz que os tremores com magnitude semelhantes ao registrado nessa sexta-feira são mais comuns do que se imagina. "O que aconteceu foi algo normal, que acontece bastante em todo o mundo, inclusive, em Santa Catarina. A sensação é equivalente a um caminhão passando na rua, mas isso não quer dizer que precisamos ter maiores preocupações", afirmou.

O alarde em torno do episódio desta sexta-feira pode ter várias explicações. Uma delas é de que o abalo foi sentido de forma mais forte na área urbana e com o advento da internet a boa nova se espalhou mais rápido que em outros tempos. "Muitos desses abalos ocorrem em regiões talvez não tão populosas e as pessoas nem ficam sabendo", disse Parisenti.

49
mil abalos sísmicos semelhantes ao que ocorreu em Florianópolis são registrados por ano em todo o mundo

Leja mais nas
PÁGINAS
4, 5 E 6

Brasil não está livre de abalos

Território brasileiro está sobre uma placa tectônica, que tem 48 falhas geológicas; tremores que ocorrem aqui são de menor grau, mas não deixam de ser intensos

FÁBIO BISPO
fabiobispo@noticiasdodia.com.br

Na escola sempre ouvimos que o Brasil está livre dos terremotos como os que vemos pela televisão. Esse entendimento ocorre porque o Brasil está sobre uma placa tectônica e não entre duas placas. Para ser mais preciso, estamos sobre a gigantesca placa sul-americana, e como os tremores quando duas placas se chocam ou se separam acabamos não sendo muito afetados por esses eventos como acontece no Japão, onde há um encontro de três placas, ou nos países andinos, por exemplo.

Mas o fato é que não estamos livres de abalos sísmicos. Isso porque, além das bordas, essas placas também possuem falhas geológicas. A placa na qual o Brasil está localizado tem 48 falhas geológicas, que nada mais são do

que pontos de ruptura entre blocos rochosos que compõem o relevo. E mesmo que os abalos sejam de menor grau eles não deixam de ser intensos.

A primeira morte causada por terremoto no Brasil foi registrada em 2007, quando um tremor de 4,9 graus foi registrado em Caraíbas (MG). Mas além dos tremores que ocorrem por conta das falhas geológicas no interior da placa tectônica, o Brasil ainda é atingido pelos tremores que têm como epicentro países vizinhos. Em 1994, por exemplo, a cidade de Porto Alegre registrou efeitos de um tremor de terra que ocorreu na Bolívia, a mais de 2.000 quilômetros.

O maior terremoto no país foi registrado em 1955, no Mato Grosso, mais precisamente na Serra do Trombador. Naquele ano, foi detectado um terremoto de 6,6 graus na escala Richter. Por se tratar de uma região pouco habitada não foram registradas vítimas ou estragos.

No mesmo ano, a terra também tremeu em Vitória, no Espírito Santo, com um abalo sísmico de 6,3 graus. Apesar de ser considerado forte para os padrões brasileiros, as casas apenas balançaram sem maiores estragos.

Já em 1980, pelo menos 4.000 casas foram atingidas pelos tremores de terra em João Câmara (RN). O terremoto de 5,1 graus na escala Richter foi o mais grave de uma série de tremores registrados na região naquele ano.

O mais recente dos tremores de impacto no país ocorreu em 2008, quando foi registrado terremoto de 5,2 graus na escala Richter e que atingiu diversas regiões de São Paulo. Os efeitos do tremor foram sentidos também nos Estados do Rio de Janeiro, Paraná, Minas Gerais e Santa Catarina. ●

6,6

graus na escala Richter é o maior terremoto já registrado no Brasil. Foi em 1955, no Mato Grosso

EPICENTRO DO TERREMOTO

- Horário: 9h28min46s
- Latitude: 27.83°S
- Longitude: 47.82°W
- Magnitude: 3,6

70km do epicentro até a costa de Florianópolis

CAUSA

Florianópolis fica longe do limite da placa tectônica sul-americana. O terremoto pode ter sido causado por fissuras na placa, por acomodação das rochas da crosta terrestre ou movimentos no manto

NÃO É A PRIMEIRA VEZ EM SC

■ O registro mais antigo de sismo em SC no RSBR foi em 1989, com magnitude 3,2, com o epicentro em Campo Belo do Sul, perto de Lages. Em 1998, outro epicentro em terra firme, em Meleiro, no Sul do Estado

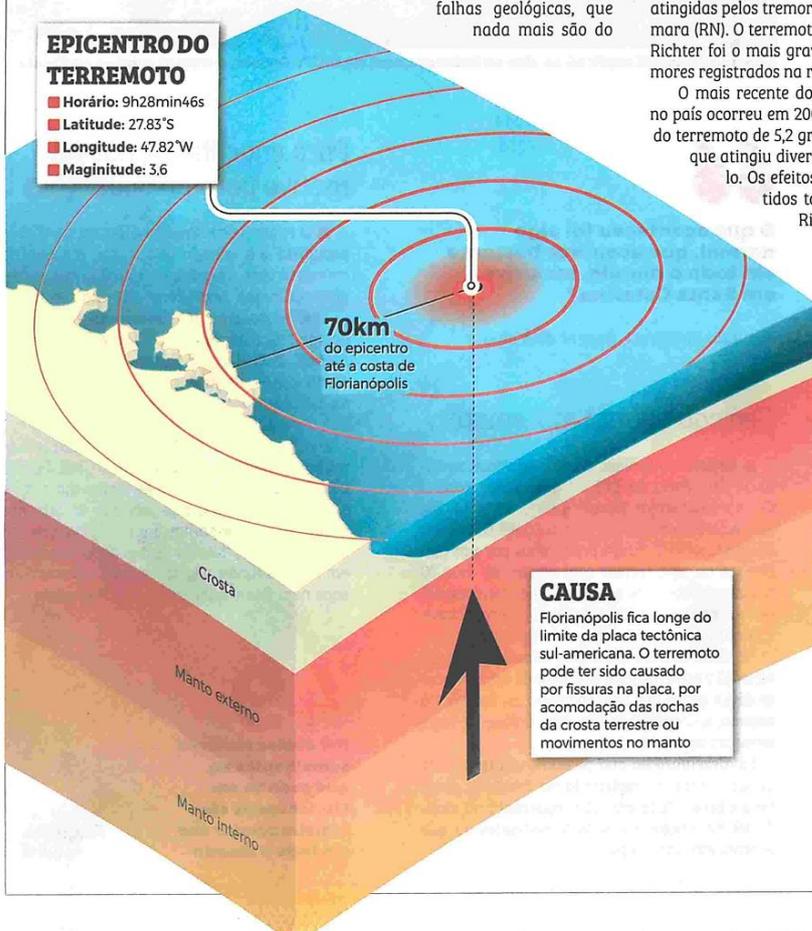
28/7/1989
Campo Belo do Sul
Mag: 3,2

16/8/1998
Meleiro
Mag: 3,4

“

Não precisamos tomar precauções adicionais para abalos dessa ordem, além das normas já utilizadas para a construção civil”.

Ronaldo Parisenti,
engenheiro civil



Normas para construção suportam os tremores

■ O adensamento dos centros urbanos, com prédios cada vez mais altos, sempre são os principais focos de atenção quando são registrados tremores de terra. Mas segundo o engenheiro civil Ronaldo Parisenti, as normas brasileiras de edificação são capazes de mitigar tranquilamente os efeitos desses abalos considerados de nível leve. "Não precisamos tomar precauções adicionais para abalos dessa ordem, além das normas já utilizadas para a construção civil. Tem algumas regiões do Brasil, como Nordeste e Noroeste, que sim, existem alguns cuidados a mais, mas na nossa região, no Sudeste, não se justifica um investimento de grande porte como ocorre no Japão, por exemplo", explica.

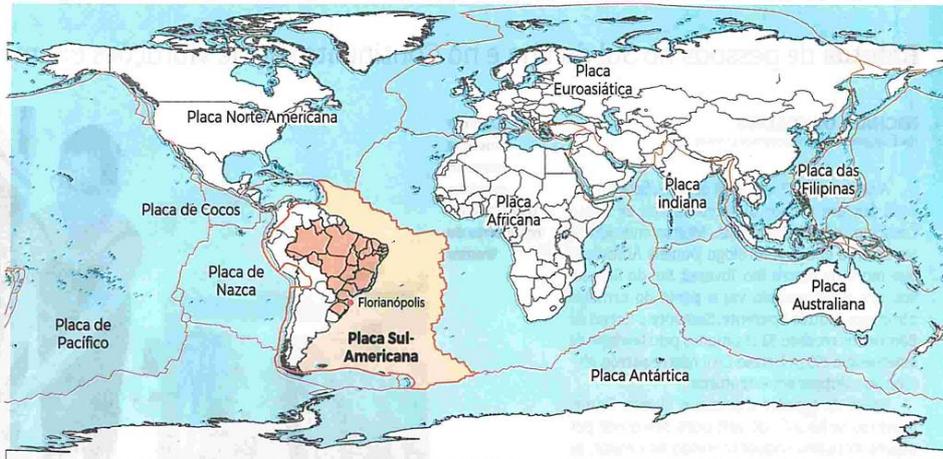
O engenheiro ainda explica que em alguns casos, a intensidade dos abalos não precisa ser muito forte para provocar destruição, e cita o terremoto de 2010 que devastou o Haiti. Naquela oportunidade, o tremor atingiu 7,0 na escala Richter, mas foi a falta de estrutura e padronização que fez as construções ruírem. Foram mais de 200

mil mortos e 1,5 milhão de desabrigados.

Parisenti cita as regiões do Centro-Oeste e Nordeste como as mais críticas no país. Mas que mesmo assim não chegam a representar grandes riscos a ponto de derrubarem construções. "A escala Richter pontua de zero a nove, a magnitude de 3,6 é a sensação de um caminhão passando. Quando se passa de 5 graus começamos a ter outros impactos mais relevantes. Acima de 6 graus precisa de mais cuidados e com riscos de derrubar construções", informou.

PLACAS TECTÔNICAS

Divisão dos grandes blocos que fazem parte da camada sólida externa do planeta



7,0

graus na escala Richter foram registrados no terremoto do Haiti, em 2010, que matou 200 mil pessoas e deixou 1,5 milhão de desabrigados

Sismólogo lembra de tremor de 1939

■ Juraci Carvalho, sismólogo do Observatório de Sismológico da Universidade de Brasília, disse que o abalo desta sexta-feira foi um dos maiores tremores já registrados na imediações de Florianópolis. Ele lembra ainda que o maior tremor de terra no Estado foi registrado no ano de

1939, em Tubarão, quando um terremoto de magnitude de 5,5 foi registrado e sentido inclusive em Florianópolis. Questionado se o tremor não poderia ser um indicativo de outros abalos o cientista disse que "na ciência do terremoto não há como prever novos eventos".

ESCALA RICHTER

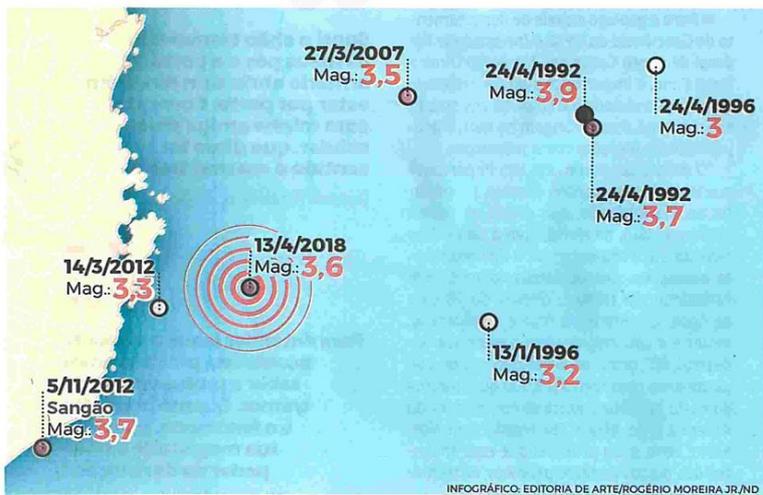
Entenda como funciona a medição

CLASSIFICAÇÃO DE TREMORES

■ A escala Richter é a medida universal para dimensionar a intensidade de um tremor, seja na terra (terremoto) ou no oceano (maremoto). A medida foi desenvolvida em 1935 pelo pesquisador norte-americano Charles F. Richter e pelo alemão Beno Gutenberg. De acordo com a quantidade de energia liberada por um tremor, há um número correspondente na escala. Sismos com mais de 4,5 graus, por exemplo, costumam provocar estragos. Não há um limite matemático para os tremores, mas o terremoto mais intenso da história alcançou 9,5 pontos e foi registrado no Chile em 1960.

■ Ao contrário do que muitos pensam, a progressão da escala Richter não se dá de forma linear, e portanto um tremor de 3,6 graus como o registrado em Florianópolis não é o dobro de um tremor de 1,8 grau. A escala funciona de forma logarítmica, ou seja, é multiplicada por dez. Assim, quando acontece um terremoto de magnitude 6 seus efeitos são dez vezes maiores do que um de 5, e assim por diante.

Magnitude	Resultado no epicentro	N.º (por ano)
1,0 - 1,9	Detectável apenas por sismógrafo	muitos
2,0 - 2,9	Sentido por algumas pessoas	800 000
3,0 - 3,9	Sentido pela maioria das pessoas	20 000
4,0 - 4,9	Vídeos partidos	2 800
5,0 - 5,9	Queda de mobiliário	1 000
6,0 - 6,9	Fendas no chão, queda de edifícios	185
7,0 - 7,9	Queda de pontes e barragens	14
>8,0	Desastre em larga escala	0,2



INFOGRÁFICO: EDITORIA DE ARTE/ROGÉRIO MOREIRA JR/ND

Moradores sentiram o tremor

Relatos de pessoas no Sul da Ilha e no Continente são de vibrações em móveis e eletrodomésticos

MICHAEL GONÇALVES
michael.goncalves@noticiasdodia.com.br

A sexta-feira 13, em abril de 2018, ficará marcada por um tremor de terra da Ilha de Santa Catarina, em Florianópolis. Muitos moradores sentiram o abalo. A taróloga Daniele Ambrósio, que mora no bairro Rio Tavares, Sul da Ilha, levou um susto quando viu a porta do armário abrir sem motivo aparente. Somente o Corpo de Bombeiros recebeu 32 chamados pelo telefone de emergência 193. A Defesa Civil não registrou vítimas ou colapsos em estruturas.

Antes de atender a primeira cliente, Daniele sentou-se no sofá da sala para descansar por alguns minutos. Enquanto mexia no celular, as ondas sísmicas atingiram a residência na servidão Paulo Simão Martins. "Senti o chão tremer sob os meus pés e a porta do armário abriu sem ninguém estar por perto. Comentei com a minha amiga pelo celular, que revelou ter sentido o mesmo tremor. Foi uma sensação muito estranha", contou a taróloga.

Conforme o sismólogo Juraci Carvalho, do Observatório Sismológico da UNB (Universidade de Brasília), o evento de magnitude 3.6 na escala Richter não tem poder destrutivo. Ele informou que o tremor aconteceu na plataforma continental. "O efeito destruidor acontece em eventos com escala de 7 para cima. Os eventos dessa magnitude não são incomuns no Brasil, principalmente, entre as bacias de Santos (SP) e Campos dos Goytacazes (RJ). Na ciência do terremoto também não temos como prever novos abalos sísmicos", afirmou. ●

Daniele mostra a porta do armário, que abriu no momento do tremor



FOTOS DANIEL QUEIROZ/ZN



Denilse (à esq.) viu o monitor vibrar, enquanto Sayara sentiu uma leve trepidação quando molhava as plantas



"Achei que fosse caminhão"

■ Na região continental de Florianópolis, a contadora Denilse Coelho do Rosário também sentiu o tremor durante o expediente de trabalho. Por alguns segundos ela pensou que o balanço da estrutura foi provocado por algum veículo transitando pela Via Expressa (BR-282). "Deu pra sentir nitidamente que o monitor do computador vibrou com o tremor de terra. Achei que fosse um caminhão passando por perto, mas tive a confirmação do fenômeno pela imprensa. Moro no 7º andar de um edifício

e o meu receio é que as construções aqui não estão preparadas para esses eventos", disse.

No bairro Coqueiros, a apresentadora Sayara Matos Pereira também sentiu a vibração na cobertura de um edifício. "Estava molhando as plantas quando senti uma leve trepidação. Pensei que fosse em função dos veículos, mas minha filha também sentiu enquanto estava deitada. Conversando com outras amigas em um grupo de rede social, a gente teve a confirmação do tremor de terra", contou.

Para geólogo, importante é descobrir a profundidade

■ Para o geólogo e chefe do departamento de Geociência da UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina), Norberto Olmiro Horn Filho, o importante agora é descobrir a que profundidade o tremor foi registrado sob o oceano. Por ter origem no mar, o geólogo definiu o evento como maremoto.

"O evento aconteceu em um importante ponto geológico, porque ocorreu na plataforma Florianópolis, que divide as bacias de Santos (SP), ao Norte, com a de Pelotas (RS), ao Sul. Para entender o que realmente aconteceu, precisaríamos saber a profundidade do tremor, abaixo da lâmina de água. Quanto mais raso é o fenômeno, maior é a sua magnitude e o seu poder de destruição", explicou. O geólogo contou que existe uma cordilheira a 3.000 quilômetros da costa brasileira, entre os continentes da América e da África. De acordo com Norberto, seria mais provável que esse encontro das placas pudesse provocar os tremores, mas não foi o que aconteceu.

“

Senti o chão tremer sob os meus pés e a porta do armário abriu sem ninguém estar por perto. Comentei com minha amiga pelo celular, que disse ter sentido o mesmo tremor."

Daniele Ambrósio, taróloga

“

Para entender o que realmente aconteceu, precisaríamos saber a profundidade do tremor. Quanto mais raso é o fenômeno, maior é a sua magnitude e o seu poder de destruição."

Norberto Horn Filho, geólogo

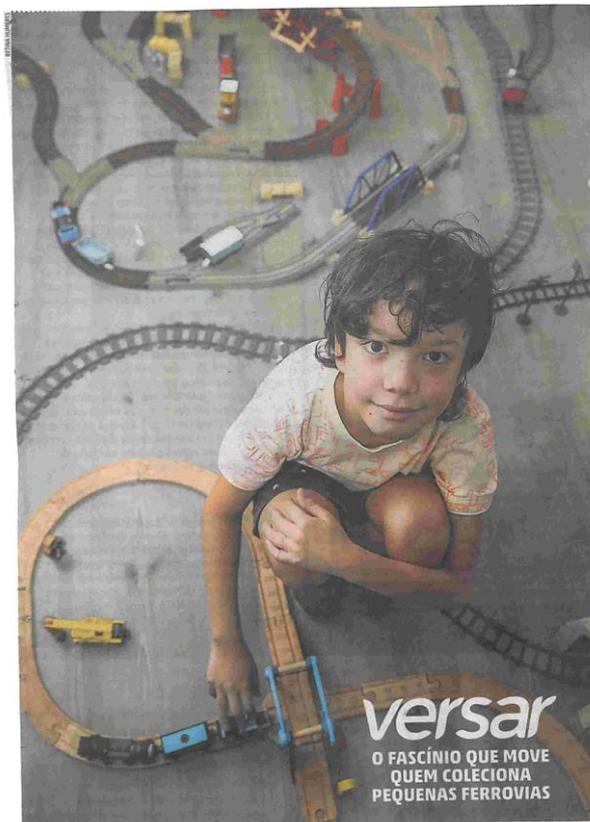
**Diário Catarinense e A Notícia
Contracapa e Versar**
"Imaginação sobre trilhos"

Imaginação sobre trilhos / Ferrovias / Ferreomodelismo / Hobby / Rocco Wolff / Trem / Andrei Damian / Formado / Engenheiro Mecânico / UFSC / Imaginação

A Notícia



Diário Catarinense



14 E 15 DE ABRIL DE 2018

versar



NOS TRILHOS DA **IMAGINAÇÃO**

MINIATURAS DE LOCOMOTIVAS E VAGÕES,
RÉPLICAS DE ESTAÇÕES, PONTES E CONSTRUÇÕES.
ROCCO É FASCINADO PELO FERREOMODELISMO

CAPA



IMAGINAÇÃO SOBRE TRILHOS

CONSTRUIR, COLECIONAR, BRINCAR E COMPARTILHAR CONHECIMENTO
SOBRE O TRANSPORTE FERROVIÁRIO: A DIVERSÃO DO FERREOMODELISMO

MARCONE TAVELLA | especial

N a sala da casa da avó de Rocco Wolff, em Florianópolis, a televisão e os sofás são os artigos estranhos da decoração nas tardes de lazer do garoto de 10 anos. O chão fica tomado por circuitos de trilhos, miniaturas de locomotivas e vagões, além de réplicas de estações, pontes e construções. Há peças de Lego amontoadas em um canto e sobre uma mesa estão pilhas de livros e revistas que versam sobre ferreomodelismo, termo usado para definir o *hobby* de construir, colecionar, brincar e compartilhar conhecimento sobre o transporte ferroviário em escala reduzida.

O estudante do 5º ano conta que a paixão por trens iniciou aos 3 anos, no colo da tia, quando assistiu pela primeira vez a um episódio do desenho animado *Thomas e seus amigos*.

– Não queria parar de ver. Era muito interessante – lembra.

Não demorou para que Larissa, a mãe dele, atendesse aos pedidos do filho por um kit com trilhos, locomotivas e acessórios inspirados na animação da *Discovery Kids*.

– Desde então os presentes dele são relacionados ao mundo dos trens. No Natal ou aniversário, eu tenho que enviar aos parentes links com listas de objetos que ele deseja para

a coleção e assim evitar que ele receba alguma outra coisa que certamente será ignorada – diz ela.

Para Rocco, a diversão está em montar as estradas, definir a localização da estação, do pátio de manobra, a vegetação ao longo do trajeto e demais objetos para compor a paisagem. Com tudo em ordem, entra em jogo a imaginação do menino e rolhas de vinho tornam-se fardos pesados de feno que devem ser transportados com urgência para a estação mais próxima.

– Sempre tem um acidente para resolver – antecipa ele, que pretende ser engenheiro ferroviário quando crescer.

A curiosidade de Rocco extrapolou há muito tempo a brincadeira. O assunto está em suas redações, desenhos e determina o que ele vai ou não assistir.

– Ele adora ver documentários com trens, estradas de ferro, rotas de carga – observa a mãe.

Tanto conhecimento se evidencia quando o menino cita com segurança fatos e personagens históricos. Ele reconhece, por exemplo, a importância do empresário Barão de Mauá, pioneiro no setor e inspiração para o nome da primeira locomotiva a vapor a circular no país, em 1854, apelidada de Baronesa pelo

Imperador Dom Pedro II.

– Seria a melhor opção de transporte para o Brasil, porque leva muito mais carga que um caminhão, com muito menos –, argumenta, demonstrando a visão que tanto faltou aos governantes no último século – segundo dados da ANTT, a malha ferroviária atual tem a mesma extensão de 1922, com pouco mais de 29 mil quilômetros.

Tendência de crescimento mesmo, a princípio, somente no minimundo administrado pelo garoto, que promete se comportar bem aos olhos dos parentes para viabilizar mais trechos, modernização e diversificação de seus equipamentos.

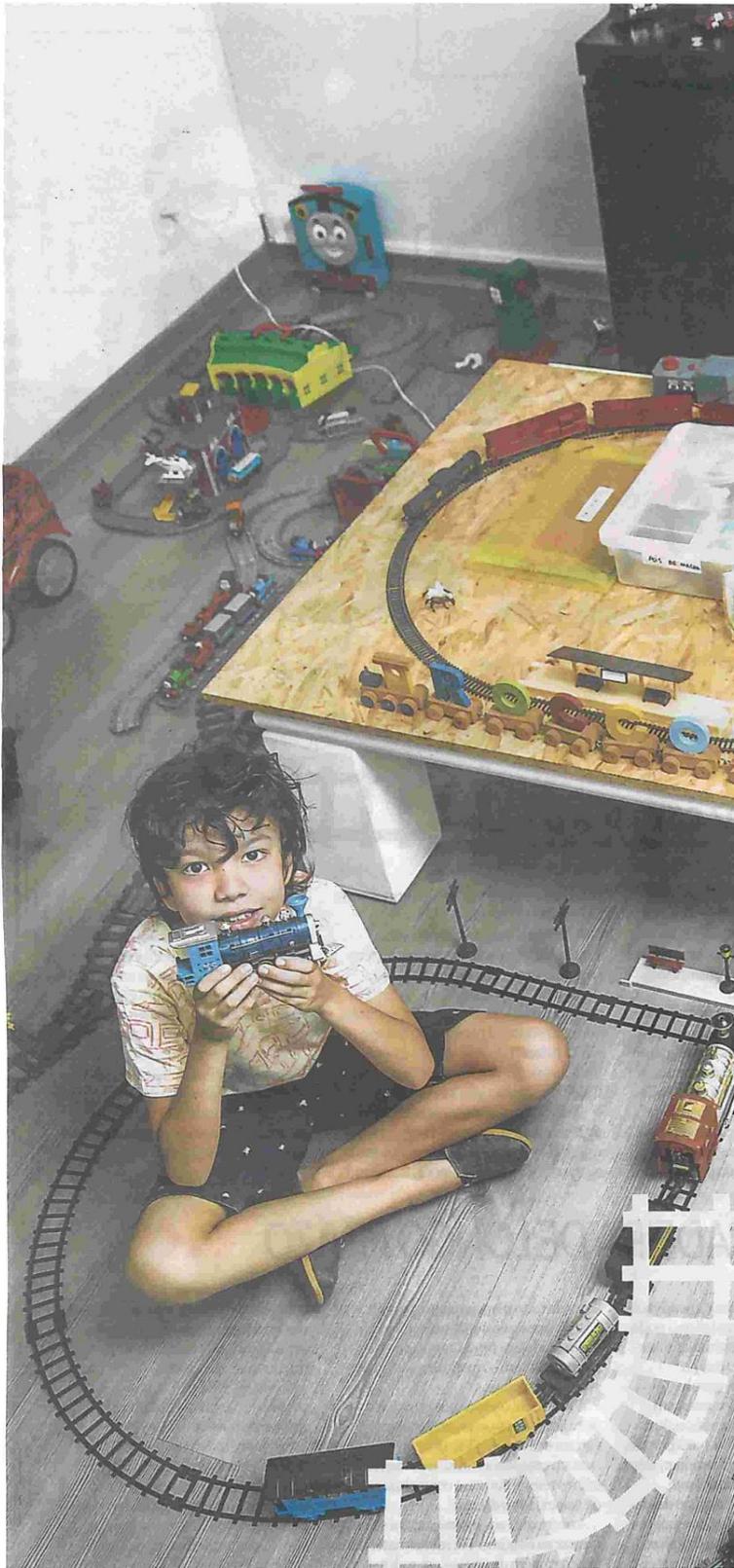
No último Natal, Rocco ganhou as primeiras peças para a montagem da maquete, um projeto que ele vem comentando há bastante tempo com os amigos da escola. Tudo está no princípio. Miniaturas de árvores resistem na embalagem e a placa de madeira que será a base do cenário tem aspecto de nova. Mas já é possível fazer rodar o trem elétrico sobre o compensado com pouco mais de um metro quadrado de área. Ao acionar o dispositivo, o menino fica hipnotizado pela réplica perfeita de locomotiva que desliza pelos trilhos do circuito oval.

– Eu sou o maquinista! – constata satisfeito.



Rocco transforma a sala da casa da avó numa verdadeira ferrovia

BETINA HUMERES



UMA VIAGEM POR GERAÇÕES

Desde que foi comprado por Nelson Damian, em 1984, o trenzinho elétrico vem se carregando de significados na família do farmacêutico bioquímico. Oficialmente, a réplica do modelo G-12 da Fepasa (Ferrovia Paulista S.A.) foi um presente para Andrei, filho que estava pra completar dois anos na ocasião. Mas o brinquedo era acima de tudo uma vontade antiga de Nelson, um desejo de infância.

- Na casa de amigos mais abastados havia vários trenzinhos que os pais traziam de viagens ao exterior. Eu gostava muito de brincar com aquilo, mas nunca pude ter um - recorda-se.

Ao redor dos trilhos, no chão da sala, pai e filho interagiam por horas com histórias e missões executadas pela locomotiva e os vagões. O trato com as engrenagens, o estímulo à exploração do funcionamento deste e de outros objetos pela casa acabaram por influenciar a formação de Andrei, que mais tarde se formaria Engenheiro Mecânico na UFSC.

- Com certeza estas brincadeiras contribuíram para que eu desenvolvesse esse gosto por consertar coisas. Foi um tempo bom, de muita curiosidade, em que eu e meu pai éramos parceiros nestas aventuras - diz ele.

Recentemente, depois de muitos anos guardado com *status* de especial, o modelo voltou a sair da caixa para preencher as horas de convívio de Nelson, Andrei e de seus dois filhos, Alan, 7 anos, e Artur, 4.

- Montamos em dias chuvosos, que é um bom momento para ficar dentro de casa. É uma atividade que mantém eles entretidos, longe das telas e mais perto da gente - conta Andrei.

Para o avô é especial vê-los brincando. Alan é minucioso no carregamento dos vagões, enquanto Artur chega a simular voos com a locomotiva.

- É como no filme *De Volta Para o Futuro 3*, né Artur? diz Nelson, estimulando a imaginação do caçula, enquanto desfruta um pouco mais do seu sonho de criança.



**SERIA A MELHOR OPÇÃO
DE TRANSPORTE PARA
O BRASIL, PORQUE LEVA
MUITO MAIS CARGA QUE
UM CAMINHÃO, COM
MUITO MENOS**

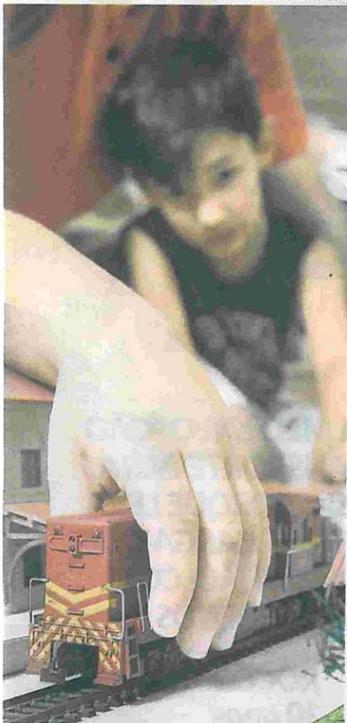
**ROCCO
10 anos**



Andrei e de seus dois filhos, Alan, 7 anos, e Artur, 4, com o avô Nelson. Família reunida para se divertir

HOBBY SECULAR

FOTOS TIAGO GHIZONI



O ferreomodelismo é uma *hobby* que surgiu na esteira da primeira revolução industrial, como uma representação artística e artesanal dos trens a vapor que cortavam a paisagem em transformação da Europa no século XIX.

A prática no Brasil teve pouca representatividade até meados dos anos 1950 e 1960, quando passou a ter um aumento na importação de trens em miniatura, tendo como pano de fundo a política de industrialização do governo Juscelino Kubitschek (1956-1961) e a chegada da Volkswagen (1953) e outras empresas estrangeiras que vinham de países onde a

cultura do trem como meio de transporte era mais consolidada.

Foi neste contexto que nasceu a Frateschi, fabricante brasileira de trens em miniatura e que está no mercado desde 1967. Hoje, é a única especializada em ferreomodelismo na América Latina, com 120 pontos de vendas no Brasil e em 12 países. Lucas Frateschi é herdeiro deste negócio que passou do seu avô, Galileu, para seu pai, Celso.

– Meu avô tinha uma pequena fábrica de brinquedos e passou a fazer acessórios para os modelos da Atma, que era a empresa fabricante da época. Começou

assim – conta o empreendedor.

O foco da empresa é na fidelidade ao protótipo, com miniaturas de modelos que existem ou existiram em estradas de ferro do Brasil. A empresa também promove a cada dois anos um encontro de ferreomodelismo. SC tem poucos adeptos, segundo o revendedor da Frateschi, Gilberto Dassi, proprietário da Starcar Modelismo, loja de Balneário Camboriú.

– A falta de uma cultura do transporte contribui para que não se popularize como o radiomodelismo (transportes em miniatura controlados por controle remoto) – aponta ele.

BRINCADEIRA DE LONGO PRAZO

Em tempos de verdadeira dependência do meio digital, o ferreomodelismo pode ser uma boa maneira de estimular diversas habilidades ao mesmo tempo.

Um projeto de maquete envolve práticas de marcenaria na montagem do cenário, mecânica na modificação e manutenção das locomotivas, elétrica nas ligações para fazer o trem funcionar, além de pintura das peças e do ambiente.

Lucas Frateschi destaca ainda o desenvolvimento do raciocínio lógico e um pretexto interessante de convívio familiar.

Para fazer parte deste mundo é preciso

antes de tudo planejamento, pois se não for encarado como uma atividade de lazer a longo prazo, muito provavelmente esta será só mais uma forma de esvaziar os bolsos.

A Frateschi oferece nove modelos de caixas básicas, com preços que variam de R\$ 360 a R\$ 410 e já contam com locomotiva, três vagões, trilhos retos e curvos e controlador de velocidade e direção.

A outra dica aos interessados é se informar ao máximo. Há muito material na internet, além de grupos em redes sociais

com colecionadores antigos e dispostos a dar qualquer orientação. O site www.vfco.brazilia.jor.br, da Revista Centro-Oeste, é um dos mais completos. A publicação circulou entre 1984 e 1995, mas é atualizada até hoje e conta com cinco mil páginas de informação sobre o *hobby*.

São infinitas as possibilidades de maquete para seu ferreomodelo e os cenários podem ocupar um cômodo da casa ou até interagir com a decoração, percorrendo sala, cozinha, quarto. – O combustível é a imaginação – enfatiza Frateschi.

Notícias do Dia Geral

“Justiça anula afastamento de corregedor da UFSC”

Justiça anula afastamento de corregedor da UFSC / Liminar / Justiça Federal / Reitor / Ubaldo Cesar Balthazar / Corregedor-Geral / Rodolfo Hickel do Prado / Juiz Federal / Osni Cardoso Filho / Corregedor-Geral da União / CGU

LIMINAR

Justiça anula afastamento de corregedor da UFSC

A Justiça Federal em Santa Catarina considerou nulo o ato do reitor Ubaldo César Balthazar que afastou em fevereiro deste ano o corregedor-geral da UFSC, Rodolfo Hickel do Prado. A decisão em caráter liminar é do juiz federal Osni Cardoso Filho, que determinou ainda o pagamento de salário no período de afastamento. Para a defesa, a anulação da portaria garantiria o retorno de Hickel à Corregedoria imediatamente, no entanto,

na decisão, o magistrado pede que o retorno do ex-corregedor seja avalizado pela CRG (Corregedoria-Geral da União).

Em fevereiro, a CGU (Controladoria-Geral da União) já havia manifestado que o afastamento do corregedor-geral foi uma decisão unilateral da

universidade sem autorização prévia do órgão. A CGU ainda destacou que inexistia hipótese de autorização tácita, como teria argumentado o reitor na época do afastamento, e informou que os titulares dos cargos de corregedoria têm mandato de dois anos. Segundo o juiz, apesar da incorreção na forma utilizada pela UFSC para afastar o corregedor, não há condições para o retorno imediato.

CLIPPING DIGITAL

14/04/2018

[Connecta promove integração no Capão](#)

[Livro e exposição falam do cinema mudo e da transição nas salas de Florianópolis](#)

[Santa Catarina foi epicentro de dez tremores desde 1989](#)

15/04/2018

[Veleiro ECO UFSC participa da regata da Volvo Ocean Race](#)

[Historiadores lançam livro e se solidarizam com Lula no Paraná](#)

[Volvo Ocean Race faz ação de limpeza das praias em Itajaí](#)

[Açorianos no Brasil: 270 anos](#)

[Susto](#)

["Rocky Crossfiteiro": de São José para o mundo](#)